

WILSON MARTINS



Histórias literárias

A evolução da literatura brasileira, sob a ótica de diversos teóricos

Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891) foi um Sílio Romero em embrião, assim como Sílio Romero foi um Joaquim Norberto plenamente desenvolvido. Pode-se pensar que o modelo estrutural da "História" romeriana já se encontra nos *disiecti membra* do que ficou em projeto e em ruínas nos seus trabalhos, sem excluir todos os critérios metodológicos de Sílio Romero: o clima, a raça, o nacionalismo, a língua, o folclore, o esquema cronológico, tudo pensado e escrito nos moldes da retórica hiperbólica da época. Pouco inclinado a reconhecer, e muito menos a aceitar, eventuais precursores, o próprio Romero declarou, entretanto, que "seria impossível escrever a história literária do Brasil sem recorrer às publicações de Joaquim Norberto".

Saber se o Brasil podia ter literatura autônoma sem língua própria era problema calorosamente discutido, objeto de artigo de Joaquim Norberto na revista "Guanabara", em 1865: "Já alguém nos lançou em rosto que não temos literatura nacional porque não temos língua (...) ao menos cá de mim para mim tenho que, quando disser língua portuguesa, entenderão por tal o idioma de que se usa na velha metrópole, e quando disser língua brasileira, tomarão por tal a que falamos, que é quase aquela mesma, mas com muitas mudanças (...)". ... claro é que temos uma língua e uma língua brasileira (...).

As premissas lingüísticas conduziam às conclusões literárias e vice-versa: no espírito de Joaquim Norberto tratava-se de demonstrar a autonomia intelectual pela diferenciação idiomática, uma e outra sendo duas faces recíprocas do mes-

mo fenômeno. Assim, ele propôs ao Instituto Histórico, no mesmo ano, a criação de duas comissões encarregadas, a primeira, de "reunir todos os pormenores e subsídios necessários para a história literária do Brasil", emitindo parecer acerca das obras a respeito que vierem ao Instituto; e a segunda, "subsidiária da primeira, irá coligindo metódicamente as obras inéditas ou já impressas de cada um dos autores brasileiros já falecidos, para serem reimpresas em coleção, quando couber e puder ser, e buscará arquivar as obras dos autores existentes, emitindo também o seu juízo sobre elas todas as vezes que o Instituto determinar".

Ele mesmo entregou-se desde logo por conta própria às tarefas programadas para a primeira comissão, mas, espírito sem disciplina intelectual, precipitou-se em escrever capítulos esparsos, desordenados e caóticos do que poderia ter sido, 30 anos antes de Romero, a primeira "História" romeriana de nossa literatura, agora idealmente reconstruída por Roberto Acizelo de Souza ("História da literatura brasileira e outros ensaios". Rio: Zé Mario Editor, 2002). A pergunta que naturalmente se impõe é a seguinte: "Por que razão não teria ele levado adiante a sua história literária, se (...) não se dispunha de um projeto concluído, mas também progrediu tanto em sua execução, tendo em vista o número de capítulos a ela destinados que chegou a publicar?"

O projeto foi abandonado em 1862, "não se tendo dado ao trabalho de reunir os capítulos já publicados e arrematar a composição da obra para ser editada em livro". As respostas possíveis são todas conjecturais e puramente especulativas. Tendo começado por escrever e publicar os capítulos que presumia de maior interesse, tudo indica que não podia sujeitar-se ao roteiro sistemático e cronológico, incapacidade que, por dolorosa ironia, via superada por alguns contemporâneos, conforme observação de Regina Zilberman, aqui citada: "ele teria talvez desistido de publicar a sua 'História' pelo fato de que a precedência lhe teria sido arrebatada por Ferdinand Wolf, que em 1863 publicou o seu 'Le Brésil littéraire' (...) livro em que o historiador austríaco, dando o devido crédito, adota a periodização estabelecida por Norberto (...)". Se proceder a hipótese de que o abandono do projeto teria sido determinado por perda de pazia, lembramos que em 1862, exatamente no ano em que

Norberto interrompe a publicação dos capítulos de sua "História", Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro lança o seu curso elementar de literatura nacional".

O paralelo é significativo, porque, no plano das concepções historiográficas, Fernandes Pinheiro situava-se em posição oposta à de Joaquim Norberto: para ele, literatura nacional era o idioma comum, de forma que o seu livro é tanto uma história da literatura portuguesa quanto a da brasileira, por ele encarada como simples desdobramento da primeira, sob outros céus, em outras circunstâncias históricas. É na terceira da sua divisão em épocas históricas (1495-1580) que os autores por nós chamados de brasileiros começam a aparecer. No decurso da quinta época (1750-1826) ocorre a independência do Brasil; daí por diante, até o aparecimento da nossa escola romântica, os portugueses passam a ser tratados em pé de igualdade com os brasileiros. Joaquim Norberto havia longamente estudado a questão no capítulo "Nacionalidade da literatura brasileira", publicado em 1860 na "Revista Popular", concluindo, bem entendido, em favor da autonomia.

Estabelecida sua precedência cronológica com relação a Fernandes Pinheiro (sem se atribuir o mesmo "peso" a trabalhos esparsos e a livros organicamente compostos), resta que, nas palavras de Roberto Acizelo de Souza, ele "está muito longe de distinguir-se pelo vigor conceitual, consistindo apenas no desenvolvimento — sempre numa linguagem declamatória, conforme as convenções de seu tempo — de algumas ideias-chave de certa fase do pensamento romântico". Como ficou dito, suas noções fundamentais são a nacionalidade e a originalidade da literatura brasileira, conceitos algo tautológicos, imperativos, entretanto, nesse momento em que, afinal de contas, a independência literária consolidava-se depois da independência política e em consequência dela.

Se, até então, "os literatos eram brasileiros, mas a literatura era portuguesa", a clivagem já se consolidara entre os dois universos intelectuais. Os debates e as polémicas iam continuar por muito tempo, cristalizando-se, como é natural, em torno das mudanças paradigmáticas. Se Gonçalves Dias escreveu as "Sextilhas de Frei Antão" para provar que sabia português, José de Alencar seria censurado pelos portugueses por corromper a língua comum.



Herança teórica do passado ajuda a esclarecer o problemático presente

Obra reúne textos de socialistas utópicos traduzidos por alunos de Aloisio Teixeira

Utópicos, heréticos e malditos. Os precursores do pensamento social de nossa época, organização de Aloisio Teixeira. Editora Record, 532 páginas. R\$ 50

José Paulo Netto

Aloisio Teixeira, professor titular do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ), exibe reconhecidas credenciais políticas e teóricas. Tendo participado da resistência à ditadura estabelecida em 1964, quando pertencera aos quadros do falecido PCB, destacou-se como figura pública no período da transição democrática, ocupando importantes postos na administração pública federal e municipal; no final da década passada, eleito pela comunidade acadêmica da UFRJ para o cargo de reitor, teve sua vitória esbulhada pelo ocupante do Ministério da Educação, que o preteriu em proveito de figura anódina e servil.

Pensador e ensaísta original, com sólida formação intelectual, haurida no marco da tradição marxista e no acervo contemporâneo da teoria econômica, desenvolveu alguns textos de fundamental relevância para a análise da vida econômico-social brasileira (especialmente o já consagrado "O ajuste impossível", publicado pela primeira vez em 1994).

De Saint-Simon, Fourier e Owen a T.B. Veblen

Sai agora, pela Record, seu último trabalho, "Utópicos, heréticos e malditos. Os precursores do pensamento social de nossa época". Trata-se de um conjunto de 16 textos (traduzidos por orientandos de Teixeira, mas todas revisados por ele), reunidos páginas de pensadores tradicionalmente arrolados como socialistas utópicos (Saint-Simon, Fourier, Owen), ricardianos (J. Gray), pequeno-burgueses (Blanc, Proudhon), fabianos (S. Webb, B. Shaw) e outros de



ALOISIO: trabalhos fundamentais para a análise da vida econômica

difícil rotulação (o inglês J. A. Hobson, que, em 1902, redeliu o termo imperialismo; o tcheco K. Kautski, respeitado expoente da Segunda Internacional que o Lênin pós-17 abominou como "renegado"; o austríaco R. Hilferding, social-democrata trucidado pela Gestapo em fevereiro de 1941, e o norte-americano T. B. Veblen, criador do conceito de consumo conspicuo, autor da originalíssima "A teoria da classe ociosa").

Os textos — a maioria dos quais vertida ao português pela primeira vez — são dispostos por Teixeira em dois grandes blocos: os referenciados ao capitalismo da primeira metade do século XIX e aqueles coetâneos à transição e à consolidação do estágio monopolista (como Teixeira mesmo deixa claro, a divisória não é mera-

mente cronológica; a fronteira é a crítica da economia política realizada por Marx).

À diferença das antologias que estão invadindo o mercado editorial, nesta o organizador não se limitou à recolha de excertos: cada um daqueles blocos é precedido de substanciais introduções (respectivamente, 36 e 37 páginas), nas quais Teixeira, à base de erudição densa, traça os painéis histórico-culturais que permitem uma adequada contextualização do chamado movimento das idéias. Ademais, os textos de cada autor, apresentados por notas sumárias, mas eficientes, são antecedidos por indicações bibliográficas que propiciam, ao leitor mais detalhista, o aprofundamento pertinente.

É evidente que os textos selecionados por Teixeira têm

significados, pesos e importâncias distintos (como são distintos os seus autores e as suas temporalidades) e que, por consequência, o nível geral do tratamento dos problemas sócio-econômicos e políticos é irregular. E, como em toda antologia deste gênero, pode-se questionar os seus critérios de inclusão/exclusão (um único exemplo: por que deixar de lado o utopismo do século XX, tão bem expresso na obra de um M. Buber, e que caberia perfeitamente na segunda parte do livro?). Um crítico mais azedo, atento ao adjetivo e ao perfunctório, poderia até mesmo problematizar o título do volume: "heréticos" e "malditos" em relação precisamente a quem — é vaga a alusão de Teixeira, na página 9 do livro, ao *mainstream*.

Revisitação dos antigos estimula reexame crítico

O empreendimento de Teixeira, porém, resiste firmemente porque dá inteira conta do seu objetivo: a revisitação aos antigos não é proposta por ele como um exercício filológico — sua proposta é extrair, pela análise da textualidade passada, uma herança que, criticada, permita esclarecer a problemática do presente. O estoque da reflexão sobre a sociedade só se reveste de efetivo potencial erosivo (o velho e saudoso Florestan escreveria: potencial subversivo) quando recusa o "presentismo" contemporâneo a que se refere Hobsbawm — e é exatamente para esta direção que contribui a seleção textual de Teixeira: ela e ele convocam ao reexame crítico, a que não devemos renunciar, de uma herança teórica e ideológica, se quisermos promover a renovação dos parâmetros de análise e transformação do presente. ■

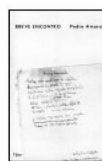
JOSÉ PAULO NETTO é professor titular e coordenador de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ

LANÇAMENTOS



A lágrima do diabo, de Jeffery Deaver. Tradução de Alexandre Raposo. Editora Record, 432 páginas. R\$ 45

• Mais um título da Coleção Negra, dedicada ao gênero policial. O autor de "O colecionador dos ossos" cria desta vez um feroz assassino de multidões, o "Coveiro", que chantageia Nova York na festa da virada do milênio.



Breve encontro, de Pedro Amaral. Editora Rocco, 120 páginas. R\$ 18

• Este é o segundo livro de poemas deste jovem autor carioca, elogiado por ninguém menos que o poeta Manoel de Barros: "Dos livros de poesia que li nos últimos anos este é o melhor. Suas poesias são lindas, perfeitas, muito trabalhadas".



Raça como retórica: a construção da diferença, org. Yvonne Maggie e Claudia Barcelos Rezende. Editora Civilização Brasileira, 462 páginas. R\$ 45

• Reunião de ensaios de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que apontam novas teorias sobre o racismo no Brasil. Debate em torno da ideia de raça.



Escondido no escuro, de Dan Fesperman. Tradução de Sylvio Deutsch. Editora BestSeller, 384 páginas. R\$ 37,50

• Dan Fesperman utilizou sua experiência como correspondente de guerra na Bósnia para escrever um romance de suspense tenso e poético, passado durante o conflito.



Q — O caçador de hereges, de Luther Blissett. Tradução de Romana Prado. Conrad Editora, 593 páginas. R\$ 55

• Um estranho sobrevivente de nomes diversos e seu inimigo Q, o caçador de hereges, disputam uma partida no tabuleiro de xadrez europeu — das planícies alemãs e cidades holandesas a Constantinopla.



Como resolver problemas de roteiro, de Syd Field. Tradução de Ângela Alvarez. Matheus Editora Objetiva, 352 páginas. R\$ 36,90

• Roteirista e autor de livros como "Manual do roteiro", Syd Field ensina como resolver eventuais problemas deste difícil gênero, revelando segredos da profissão.

